

Kalinde Braga

Exercício desenvolvido a partir da disciplina *A corporeidade da palavra e a tatalidade do dizer do corpo* lecionada pela Professora Doutora Juliana Jardim no curso de Pós-graduação *lato sensu* A arte de contar histórias – Abordagens poética, literária e performática.

Março de 2015

GRATIA

Kalinde Braga Augusto de Barros Lispector Alves Grimm Fornezari Vicente. É com muito prazer que inicio este exercício de reflexão a partir do curso ministrado por Juliana Jardim na Pós-graduação A arte de contar histórias. Mas como se em todo prato bem temperado, após o doce ainda sente-se o azedo, é também com alguma dor, porque escrever é sempre um pouco árduo. E aqui e agora também trabalhoso, porque faço um exercício de resgate de memória – deixei passar muitos dias da vivência das aulas. E também porque respeito muito Juliana, e fico imaginando se no meu exercício de sinceridade escrita não a desaponto em conceitos e resultados. Mas como desde o seu primeiro dia com a turma, senti em sua proposta de ementa a franqueza como veículo – “tratemos na ementa do que vocês querem tratar” - até o último dia – “me digam como foi esse curso para vocês” -, acho que começo remando na mesma direção da corrente que ela traz.

Ju, falo de ti, sobre ti, para ti, enquanto falo um pouco comigo. Para outro que lesse, revelo isso: é um diálogo comigo e contigo, uma pensação em voz alta, ainda que em letra pequena de Arial.

Me intrigou desde as tuas primeiras palavras a expressão “estado de graça”, que ficou como um pulga a saltar sobre as minhas ideias. Estar em graça, de graça, sem graça, por graça... Me intrigou a fatura da expressão, com tanto pano para a manga da reflexão. Me intrigou como alguém que eu acabara de conhecer me dava tanto assunto para pensar. Não vi chegar a estação de casa no metrô, imersa na minha tentativa de reparar se às 23h de

nossa primeira aula era possível caminhar com o peito sorrindo, e o que isso provocava em mim.

Cheguei no quarto mexida, chacoalhada pela semente da tarefa sugerida: um exercício sobre o meu estado de graça. Joguei no *Google* – como se o provedor pudesse ser uma espécie de caixa mágica sabedora infinita de respostas-, e após muito ler anotei de próprio punho – porque todos da casa já dormiam, a impressora fazia barulho, mas eu queria ter o achado comigo-, um texto que me brilhou aos olhos. Da ucraniana mais pernambucana que já houve:

Estado de Graça

Quem já conheceu o estado de graça reconhecerá o que vou dizer. Não me refiro à inspiração, que é uma graça especial que tantas vezes acontece aos que lidam com arte. O estado de graça de que falo não é usado para nada. É como se viesse apenas para que se soubesse que realmente se existe. Nesse estado, além da tranquila felicidade que se irradia de pessoas e coisas, há uma lucidez que só chamo de leve porque na graça tudo é tão, tão leve. E uma lucidez de quem não adivinha mais: sem esforço, sabe. Apenas isto: sabe. Não perguntem o quê, porque só posso responder do mesmo modo infantil: sem esforço, sabe-se. E há uma bem-aventurança física que a nada se compara. O corpo se transforma num dom. E se sente que é um dom porque se está experimentando, numa fonte direta, a dádiva indubitável de existir materialmente.

No estado de graça vê-se às vezes a profunda beleza, antes inatingível, de outra pessoa. Tudo, aliás, ganha uma espécie de nimbo que não é imaginário: vem do esplendor da irradiação quase matemática das coisas e das pessoas. Passa-se a sentir que tudo o que existe — pessoa ou coisa — respira e exala uma espécie de finíssimo resplendor de energia. A verdade do mundo é impalpável.

Clarice Lispector, in *Crônicas no 'Jornal do Brasil (1968)'*

O texto bonito e claro, mas denso como só Clarice, fez com que a semente da tarefa começasse a germinar. Como acredito que também foi para todos os colegas, passei a semana tendo mil ideias – ou mil hipóteses, porque nem tudo que passa na nossa cabeça é ideia, como teria dito o irreverente diretor Roberto Mallet, do que poderia propor. Sou narradora, pensei!, me quero narradora em graça. Vou contar uma história! Mas não..., são muitos narradores na plateia, gente da melhor qualidade, precisaria de mais tempo para preparar. E na narração, a história vem em primeiro lugar – talvez eu trouxesse mais a graça do conto, do que pudesse através dele revelar a minha.

Sou atriz!, me lembrei depois. Ler um Nelson talvez me esquentasse o sangue, me trouxesse inteira. Uma cena simples dele já me vibra o corpo todo. Mas ao mesmo tempo precisava de tanto rebuscamento? Não há graça no meu dia a dia? Quando acordo cheia de vontade de viver, tiro o pijama como quem tira o velho para vestir o novo, com a garra que só a manhã proporciona? Seria bom, mas 21h do primeiro dia da semana talvez não me desse as condições necessárias, e eu não encontraria a ignição dessa energia resplendorosa. Voltei ao caderno, como se pudesse ter anotado algo de que não me lembrava, uma dica facilitadora, então vi anotações sobre o “trabalho de Juliana com bufão”. Pensei na entrevista que fiz para o Mestrado com Ana Luisa Lacombe e Simone Grande e no quanto ressaltaram a importância do contato com a graça pessoal, e ao mesmo tempo a dificuldade da simplicidade do clown. Assim pensei que Patatéia adora uma bagunça, que poderia chamá-la, e que quando a trago para fora, de fora ela entra em mim, e prepará-la na frente de todos talvez me desnudasse o suficiente. O que poderia ser conveniente porque acredito que o meu nu de palavras seja mais interessante que meu discurso bem articulado de quem estudou no Colégio Bandeirantes. Viria sem palavras, para servir de corpo inteira, me deixar ser vista, ver o que disso nascia.

Um outro tipo de graça começou em mim quando me vi ansiosa para experimentar. Chegara o dia, as roupas estava na minha sacola de plástico do Mercado, e a cada colega que se aprentava, acordavam-se em mim sentimentos de admiração e indagação, do por quê de cada escolha. Como se eu fosse todo o tempo um pouco professora de crianças que sou, tinha vontade de dar feedbacks, questionar coisas, elogiar conquistas. Não sosseguei quando chegou minha vez. Escolhi o lugar da porta um pouco porque pensei que a parede me permitiria revelar aos poucos o rosto depois de vestir o nariz; escolhi também um pouco com vontade de fugir, de não fazer, de passar depressa. Um pouco também porque porta é sempre portal, entrada para minha palhaça, saída da casca de Kalinde.

Que gostoso que é lembrar tudo isso nesse documento de WORD. O resgate de memória está mesmo na minha pele: digito depressa, como se as palavras viessem. Até agora não reli as primeiras linhas. Temo pela ortografia.

A apresentação não foi nada como eu imaginei. E o desconforto do não previsto me incomodou. Não causei riso em ninguém – nem na pequena Luisa, que nasceu da Isabela ainda nova -, e tive lágrimas nos olhos. Eu, que sempre prego o valor do improvisado, me criticava. Um pouco de vergonha, um pouco de êxtase. Uma sensação de quando se percebe que deixou o mais importante em casa e que não há tempo para ir buscar. Foi tão esquisito que me senti fraca, porque sou do tipo de aluna que quer se sentir forte, renegando a verdade de que para ser aprendiz é preciso tirar as armaduras.

Quando meu pai gentil e confortante apareceu para me buscar nesta segunda segunda-feira fabulosa, eu tinha por mim um desapontamento inconfessável. Falei da noite, do tema, das propostas dos amigos. E dessa vez dormi cedo, como se não quisesse pensar. Eu já sabia da nova tarefa com um texto ensaio, mas não queria mergulhar nisso. Tinha pensado demais na semana anterior e de nada me servira a não ser em traiçoeiras expectativas. Queria agora evitar ao máximo o fazer.

No entanto, após um começo em *seiza*, que é para mim uma espécie de botão de liga e desliga de energia quente, a leitura começada em sala tinha me fisgado. Isis e Marta tem voz bonita, tudo o que dizem me parece chique. O livro grosso parecia um volume para leitores competentes, e o fato de ser sua indicação, Ju, que fala bem em conteúdo e no formato do discurso, me dava vontade de ler, de fazer parte daquilo, de comungar daquelas páginas. Ler aqueles ensaios me parecia poder me aproximar de alguma sabedoria que eu vi que te atravessava, que estava na sua postura como educadora. Eu estava curiosa, como diria Alberto Caeiro no segundo poema do *Guardador de Rebanhos*, como uma criança que se, ao nascer, reparasse que nascera deveras.

Foi por isso que não consegui evitar por muito tempo o não pensar na tarefa sugerida. Abri o e-mail mais de uma vez a procura das páginas. *Não sei se tudo foi exatamente nessa ordem, não estou consultando as anotações agora. Mas com o perdão da digressão do estudante, acho que foi isso!* Quando chegaram, achei o texto mais difícil que bonito – mas como a leitura mais trabalhosa, quando concluída até me envaidece pela superação da lição, gostei de ler. Um pouco porque era Montaigne, um ensaiador, um intelectual. Um pouco porque *Três Relações* tinha mesmo sua beleza na fluidez em que

era dita. Senti vontade de ler tudo e, quando li, a beleza escancarou-se. Três páginas eram mesmo poucas para sabê-lo. De uma aula para outra, o desafio estava apenas esboçado: refazer o exercício da sua graça, agora com as palavras do francês do texto inteiro. Seria, na melhor das visões, complexo. O que eu sentia entrelaçadamente:

- Juliana estava dando um velho e clássico exercício teatral de manter uma ação e experimentá-la com um texto desassociado
- Juliana estava nos desafiando a encontrar conexões entre nossa ação e o texto
- Juliana estava nos lembrando da importância de ajustar o gesto a história – afinal, ainda era um curso de narração
- Juliana tinha uma ótima sacada com um dos exercícios mais simples e mais elaborados do nosso curso até então
- Juliana estava me dando um mega trabalho, que eu não resolveria numa tarde (Helena e os bambolês me entenderia bem); e me lembrava de que com nenhuma história o trabalho era também rápido. Tempo é maturação.
- Juliava tinha me dado outra pulga para criar e estava me coçando
- Juliana não tinha comentado nada antes. Eu não queria mais levar Patatéia.
- Jesus!, lá estava eu pensando demais novamente! E puxa!, estamos mesmo trabalhando a palavra no corpo, a palavra enquanto corpo...

Escolhi então um trecho, que por simpatia ecoara em mim, e deixei com que Patatéia o anotasse. Montaigne era muito difícil. Montaine talvez? Ou Montéine? Meu francês está na gaveta dos ainda-não-saberes-em-vontade-de-virem-a-ser, então achei que Manteguinha representava melhor. Mas para não ser desrespeitosa – porque por Michel Eyquem tenho um respeito concreto, Senhor Manteguinha parecia mais adequado. Ah!, não fui eu quem achou, isso foi na opinião de Patatéia. E quando vi, estava me divertindo. Rascunhei a fala no verso de um papel usado – Patatéia é bagunceira e desregrada, e na hora da aula eu não me senti tão ansiosa ou aflita. A palavra que só ao pensar me fazia rir, me libertou o coração, e pude assistir com tranquilidade os colegas. No fundo, é um pouco do sentimento que sempre acho pertinente procurar quando tenho uma narração agendada. Preciso ter pela apresentação o prazer de fazer viva a história, rir com ela, que ela seja um pouco minha e que

me leve de corpo inteiro, para dar a ler ao meu interlocutor da maneira mais múltipla possível, facilitando seu acesso aos contos.

Realizar o exercício levou a minha atenção a duas palavras de ordem, de força, dois conceitos que mais práticos impossíveis!, dois termos sempre assunto principal, sempre pertinentes; duas temáticas misteriosas e únicas. PRESENÇA e ESCUTA. Nesse movimento de revisitar as palavras, procurando fazê-las chave de reflexão, precisei voltar a referências nutritivas. E, aqui, mais uma vez, o exercício que você propôs me fez crescer, Ju, porque voltei às leituras mais conscientemente, com um interesse renovada, mesmo sendo obras conhecidas.

A orientadora de amantes da história Regina Machado trata, ao abordar o trabalho do arte narrador, de “um passeio pela sua própria paisagem interna, enquanto passeia pela paisagem da história”. Trata sutilmente da presença de uma maneira desenredante:

Podemos começar a pensar sobre essa qualidade dizendo que um bom contador de histórias vive um determinado “estado” que tem o efeito de produzir em quem o escuta uma experiência estética singular. (...) Podemos chamar esse estado ou qualidade do contador de histórias de um estado de presença. (...) Um bom contador de histórias, guiado pela ação interligada desses três fatores (intenção, ritmo e técnica), exercita habilidades pessoais – recursos internos –, combinadas com o amplo repertório de informações disponíveis – recursos externos –, enquanto vai polindo e conquistando, ao longo da vida, a qualidade da presença. (MACHADO, 2004, p.68)

(Cá estou eu novamente, marcando espaçamento de 4cm academicista)

Marina Volpe, atriz pesquisadora e veterana querida de Universidade, desembaraça por outro caminho:

Presentificação: estar ali presente. E a presença não é “além” ou “fora”, ela é um estar presente no presente, com a concentração que não é para um dentro, mas que é em abrir-se para conexão consigo, com o outro, com o espaço, com o público. (2011, p.110)

E mesmo Patrice Pavis (1999), senhor de definições, aponta com lucidez:

Ter presença, é, no jargão teatral, saber cativar a atenção do público e impor-se; é, também, ser dotado de um ‘quê’ que provoca imediatamente a identificação do espectador, dando-lhe a impressão de viver em outro lugar, num eterno presente.

De certa forma o estado de graça toca para mim nas várias camadas da presença, permeada tanto por construção de postura, tanto pelo lugar da espontaneidade apesar da repetição. Mas seu sentido se completa quando embebida por uma escuta, que de passiva só tem o fato de não precisarmos da mobilidade. Porque é ativa em todos os seus vetores:

Escuta aqui como “colocar-se em condição de afetar e ser afetado. Escutar é abrir seus canais perceptivos, é tornar-se sensível e poroso ao outro”. (VOLPE, 2011, p.112)

Experimentar o próprio estado de graça para mim, em alguma medida, passou a ter a ver com conhecer um pouco a própria presença, sua estrutura corporal quando disponível a um ofício, respirando com o coração e pensando com as borboletas do estômago. Tem a ver com pesquisar-se enquanto sujeito ouvinte, praticante de uma escuta interessada mais que julgadora, numa atitude de artista que quer fazer da arte seu catalisador de belezas.

E ter a oportunidade de construir esse tipo pensamento nessa altura do campeonato acadêmico é fertilizante da Kalinde pessoa que estuda. E quase um mês depois escrever estas linhas tão oralizadas de maneira extrovertida desocupa mesmo a cabeça!, sendo um alívio sorridente a uma visão que esqueceu como enxergar sem as lentes adestradoras da ABNT. Sinto vontade de reensaiar minhas histórias impulsionada pelas frases fragmentadas, mas mosaicos de uma percepção, que anotei nas folhas de aula:

Intensidade outra do estado arte é infinita. Pesquisar os estados é um encanto. Por isso é legal conhecer a própria graça. Trabalhar o corpo para que seja escutante; trabalhar a capacidade de repetir o planejado sem fugir do inesperado é uma tarefa para não mecanizar nenhum tipo de relação. Me sinto encorajada e curtir o tédio que aparece durante a pesquisa, compreendendo que faz parte da atitude fundamental de revalorização da minha experiência.

De costas despertadas na cadeira que me sento, sinto um enorme sentimento de gratidão pelos cinco encontros. Graça, gratia. Me sinto revisora do meu fazer por causa das pulgas que me cutucam, e com uma disposição para estudar que há muito não sentia. Há sucesso maior que despertar no aluno o desejo de aprender? Obrigada, Ju, por tuas aulas e este trabalho-

trampolim. Fico na torcida por mais encontros dessa natureza, talvez com café ou chá. Saiba que a grande graça para mim ficou nesta vontade revigorada de contar histórias, de re-conhecer a minha escuta, a minha presença, as minhas propostas, roteiros e escolhas enquanto criadora.

Quero ler de novo, ler o novo, quero não ler e ouvir, sentir o gosto e o cheiro, quero com uma querência de pontência pelo que se faz, por fazer melhor. Quero tempo para revisitar, quero reler este texto mais vezes, porque me sinto empurrada para frente, com vontade de quero mais. Quero ser capaz.

Obrigada por isso, por essa história boa que narramos juntas. Viva!

Referências

- ALVES, Rubem. *O desejo de ensinar e a arte de aprender*. Fundação Educar Dpaschoal, 2011.
- LACOMBE, Ana Luísa (org.). *Teia de experiências – Reflexões sobre a formação de contadores de histórias*. Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas - São Paulo. 2013.
- MACHADO, Regina. *Acordais*. DCL- Difusão Cultural do Livro. São Paulo, 2004.
- PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. Editora Perspectiva, São Paulo: 2005.
- RILKE, Reiner Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Editora L&pm. 2005.
- VOLPE, Marina Elias Fernandes. *Cartografia de um Improvisador em Criação*. Unicamp, Campinas, 2011